

JAVIER ARANCIBIA CONTRERAS

Crocodilo

Romance

Copyright © 2019 by Javier Arancibia Contreras

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Rodrigo Pimenta

Foto de capa

Istvan Kadar Photography

Preparação

Ana Martini

Revisão

Jane Pessoa

Angela das Neves

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Contreras, Javier Arancibia.

Crocodilo : romance / Javier Arancibia Contreras. — 1ª ed.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

ISBN 978-85-359-3281-2

1. Romance brasileiro I. Título.

19-29011

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*Só existe um problema filosófico realmente sério:
o suicídio.*

Albert Camus, O mito de Sísifo

DIA ZERO

Hoje, meu filho Pedro pulou da janela do seu apartamento.

Ele morava no décimo primeiro andar de um edifício antigo, de arquitetura clássica, em uma rua pequena e charmosa, tomada de árvores, que destoava muito das amplas e movimentadas avenidas ao redor. Ainda que houvesse sua cota de circulação de pessoas, o lugar era quase uma ilha de tranquilidade em meio ao caos do centro da cidade. Isso, porém, não deve ter feito a menor diferença no momento em que Pedro decidiu se jogar lá de cima e quebrar, com essa atitude, o clima de harmonia daquele pequeno trecho do bairro.

“Morreu na hora, instantaneamente”, me disseram no IML.

Fui para lá cerca de duas ou três horas depois do incidente. Tempo que policiais, bombeiros e paramédicos levaram para chegar ao local, isolar o perímetro, identificar a vítima, conseguir o telefone de um parente e recolher o corpo desarticulado da via pública, colocando-o dentro de um saco emborrachado cinza com zíper — daqueles que vemos mais em filmes que na vida real —, usado para transportar cadáveres.

“Ele não sentiu dor”, completaram os médicos-legistas, baixando os olhos ingenuamente, por apenas um segundo, na direção dos sapatos.

Aquilo não deixava as coisas mais claras. Devia ser apenas uma técnica usada para diminuir o sofrimento dos parentes. Uma espécie de protocolo estabelecido pelos profissionais que lidam com a morte diariamente. Um pacto inconsciente e sentimental entre eles para amenizar o desespero dos familiares da vítima em qualquer ambiente em que pudessem encontrá-los. Um afago de piedade.

Quanto a mim, me recuso a acreditar que o Pedro não tenha sentido qualquer tipo de dor ao se espatifar no asfalto. Morreria o corpo do meu filho assim, num átimo, um segundo depois do impacto? Ou seus órgãos, músculos e nervos explodiriam, pululando e se desintegrando internamente por algum tempo, o mínimo que fosse, em uma jornada de dor até a chegada da morte, que ninguém perceberia a não ser ele mesmo?

A verdade é que nunca saberei o que aconteceu naquele fim de tarde porque o Pedro, definitivamente, estava morto. Só me restava então especular sobre toda a situação e, com isso, alimentar a chama cruel da dúvida. Um sentimento talvez ainda pior do que a própria perda.

Estavam com os documentos do Pedro e, antes de fazerem a autópsia característica dos casos de morte violenta, tive que reconhecer o corpo. Marta, que devido ao trânsito caótico do início da noite chegara depois da minha primeira conversa com os legistas, queria entrar na sala gelada dos cadáveres de qualquer jeito. De imediato, não permiti. Seu corpo tremia demais e ela não conseguia dizer muita coisa que eu pudesse compreender. As lágrimas se misturavam à coriza do nariz enquanto ela chorava em silêncio e me apertava os braços com tanta força que cheguei a sangrar.

Marta era uma mulher forte e sóbria. Eu nunca a tinha visto daquela maneira. Estava em meio a uma terrível crise de nervos e, naquele momento, achei que seria melhor se ela visse o Pedro apenas na última etapa daquele processo doloroso, na preparação do velório, depois que os legistas retalhassem, abrissem e costurassem todo o corpo do nosso filho em busca de evidências e da causa mortis. E, sobretudo, depois que os profissionais do serviço funerário consertassem o rosto e o corpo dele, o vestissem adequadamente e, de alguma forma, conseguissem maquiar a tragédia.

Um dos médicos se aproximou de mim, viu os pequenos filetes de sangue brotando vagarosamente da pele fina dos meus braços, própria da velhice, e disse que Marta estava tendo um ataque de histeria. Perguntou se eu achava melhor sedá-la. No desespero de ver a minha mulher daquele jeito e, mais que isso, covarde a ponto de não ter a menor ideia do que dizer a ela naquele momento impensável, meneei a cabeça positivamente. Logo, o médico reapareceu com um sedativo e o aplicou com destreza no braço de Marta, que, com uma força desproporcional, teve de ser contida por mim e mais um.

Depois de vê-la desfalecer e, com a ajuda dos médicos, acomodá-la em um sofá apertado dentro do pequeno escritório do instituto, me senti uma pessoa horrível e cruel. Soube naquele instante que Marta alimentaria, pelo resto de sua vida, um rancor por causa da minha atitude. Afinal, quem era eu para impedi-la de sofrer, de iniciar seu luto?

Foi assim que entrei sozinho naquela sala fria e impessoal, sob os olhares pegajosos de comiseração da equipe do IML. Lá estava meu filho, estirado sobre uma maca metálica no canto do lugar. Assim que me aproximei, sem sequer pedir permissão aos legistas, arranquei o lençol verde-água de cima dele. Era, sim, o Pedro. Mas também não era. Ele estava nu, e isso me causou um

grande estranhamento. Não me lembrava de ter visto meu filho nu desde o fim da infância, quando começamos a nos esconder e a estabelecer limites no relacionamento com os pais.

Embora apresentasse muitos hematomas e fraturas, seu corpo magro e longilíneo estava limpo e exalava um cheiro agradável de sabão neutro. Tinha sido lavado antes da entrada dos familiares. Entretanto, o corpo parecia mais branco que o normal, e logo raciocinei que ali, naquele momento, Pedro era só um cadáver, e os cadáveres têm mesmo esse aspecto pálido devido à falta de circulação do sangue.

Observei seus pés grandes e ossudos, suas pernas de poucos pelos e me fixei por um longo tempo em seu pênis flácido, pensando inadequadamente nas experiências sexuais que o meu filho não mais teria. Subi o olhar pelas costelas quebradas e afundadas na carne e, de uma maneira estranha, seu corpo parecia murcho, oco. Analisei todo aquele cenário com meu pragmatismo habitual e irritante, e pensei que talvez ele tivesse caído errado, se é que existe uma forma correta de cair, e, por esse motivo, havia se machucado tanto. Os dois braços na altura dos cotovelos e dos antebraços também estavam fraturados e, por essa razão, eu só pude compreender que, no último momento, num raciocínio equilibrado tardio, Pedro tivesse desistido daquela loucura e tentado, de alguma forma, amenizar a queda.

A cabeça também havia batido forte e o rosto estava bastante machucado. A orelha esquerda tinha sido praticamente esmialhada, e esse lado do rosto tinha afundado um pouco devido aos ossos quebrados. Ele também perdera alguns dentes, o que pude ver por uma pequena fresta da boca, provavelmente uma falha de quem ajeitara o corpo para o reconhecimento. Uma pena, porque o Pedro tinha um sorriso cativante. Mas isso já não tinha nenhuma importância. No velório, todos os mortos ficam de boca fechada. Isso se conseguíssemos fazer um velório com caixão aberto.

Dei um passo para trás e, ao observar de uma distância maior o corpo de pouco mais de um metro e oitenta do meu filho morto, tive pensamentos estranhos e fora de hora. Eu não fazia ideia de quantos metros equivalia o décimo primeiro andar de um prédio como o dele, por exemplo. Comecei a pensar e cheguei à conclusão de que, se cada andar de um prédio residencial equivale em média a três metros de altura, ele teria caído de uma altura de trinta e poucos metros. Mais tarde descobri que esse era o tamanho da maior baleia-azul já encontrada no mundo e, por um segundo, achei bonito. Ou, bem menos poético, o tamanho de um Boeing 737. Não parece muito, pensando assim. Mas é o suficiente.

Algum tempo depois, Marta acordou. Estava meio zozona, grogue pela medicação. Já não tinha forças para nada. Eu a abracei com todo o cuidado que pude e ela logo voltou a chorar em silêncio, balbuciando que Pedro havia caído após um acidente doméstico. Claro. Trocando as cortinas da sala. Ou, talvez, limpando as janelas sujas da poluição e da merda dos pombos do lado de fora. Ou então, num vacilo qualquer, chapado demais depois de fumar a maconha de que tanto gostava.

Ali, naquele momento, Marta não queria saber o motivo verdadeiro da morte do Pedro. Não queria acreditar que aquilo estivesse acontecendo. Jamais se imaginou mãe de um filho suicida. Ninguém jamais se imaginaria mãe ou pai de um suicida. O silêncio e a covardia colaboraram para contaminar o ambiente. Eu mesmo não toquei no assunto, nem os legistas nos ajudaram a enfrentar a realidade. Em nenhum momento qualquer um de nós pronunciou a palavra dura e incômoda que se tornou um tabu de proporções universais: suicídio. Preferimos dizer: tragédia.

É quase sempre assim. A palavra é escamoteada desde o início, e vai permanecendo na obscuridade das entrelinhas até

finalmente todas as pessoas, das mais distantes às mais próximas, saírem do luto e resolverem seguir suas próprias vidas. Então voltam a dormir bem, a fazer compras, a sair com os amigos, a rir de piadas, a ir ao cinema, a trabalhar, a transar. Afinal, não foram elas que decidiram pular e abandonar o barco. A partir daí, restam apenas os familiares mais próximos, que em algum momento também acabam retomando seu ritmo de vida, e então, por último, os pais e os irmãos.

O nosso problema é que o Pedro era filho único. Então seríamos novamente Marta e eu. Como no início, antes dele. Só que três décadas mais velhos.

Quando Marta ficou um pouco mais calma, os legistas a deixaram entrar. Ao passar pela porta, porém, ela se esquivou de nós, correu e se atracou ao corpo do Pedro de um jeito bastante doloroso. Sofria em silêncio. Parecia engolir aquele sentimento ruim de tal maneira que poderia sufocar a qualquer momento. Era estranho ver Marta sob aquele ângulo. Parecia outra mulher, sem a blindagem da intelectualidade, da sobriedade e do bom senso.

Marta engravidou de Pedro após duas gestações interrompidas. Na primeira, fez um aborto aos dezoito anos. Foi bem no início da gravidez, e Marta tomou remédios abortivos e fez curetagem numa clínica clandestina. Na época em que me confidenciou aquilo, porém, não me pareceu ter sido um acontecimento especialmente traumático. Para se justificar, disse que ela e o namorado decidiram em comum acordo porque, além de serem muito jovens, ambos haviam acabado de entrar na universidade. Depois daquilo, entretanto, eles nunca mais se viram.

Já a segunda interrupção de gravidez foi involuntária e acon-

teceu quando Marta começava, de forma sistemática, a levar as coisas dela para o meu apartamento, depois de alguns meses de relacionamento. Eu já havia rompido a barreira dos quarenta anos e não pensava em ter filhos, mas ao mesmo tempo estava perdidamente apaixonado por Marta, uma mulher bem mais nova, de apenas vinte e oito anos, linda, de personalidade intensa, independente e com a sexualidade à flor da pele. Na época, tudo o que eu queria era ficar com aquela mulher. Cogitei até casamento, e talvez, com isso, eu tenha deixado uma fresta aberta para sempre. Uma pequena possibilidade. Uma probabilidade estatística que se desenhava na mesma medida em que fazíamos sexo indiscriminadamente com o furor dos inícios de relacionamentos.

Então, um dia, depois de se trancar por um longo tempo no banheiro do nosso quarto, Marta saiu chorando, vestida apenas com uma velha camiseta minha e com um daqueles testes descartáveis de farmácia na mão. Eu não sabia se estava chorando de alegria ou de desespero. Nunca perguntei, mas, no íntimo, sempre achei que Marta também não desejava aquele filho. Não naquele momento.

Quanto a mim, o que eu poderia fazer? Gritar a verdade na cara dela? Que eu não queria filhos? Sugerir que talvez ela devesse fazer outro aborto? Ao olhar para ela, no entanto, compreendi que eu estava completamente errado. O caso é que Marta e eu estávamos apaixonados e, por isso, sem muito drama, resolvemos ter o bebê. Ela então foi morar comigo em definitivo e, aos poucos, eu comecei a me acostumar com a ideia de ser pai. E Marta com a de ser mãe, já que, afinal de contas, era ela quem passaria por todas as transformações físicas e psicológicas que envolvem a maternidade.

Na época, eu era editor de política do maior jornal do país. Marta também era jornalista, mas, havia pouco tempo, decidira largar o emprego na redação para voltar a estudar. Apaixonada

por livros, engrenara num curso de produção editorial e logo estava trabalhando numa pequena editora. Com tudo isso acontecendo e com a notícia da gravidez, decidimos nos casar.

Posso dizer que fomos felizes naquela época. Fizemos planos, pesquisamos nomes e suas etimologias e numerologias, pintamos juntos o quarto do bebê, após o ultrassom escrevemos o nome escolhido com caneta piloto na barriga de Marta, decidimos em qual hospital ele nasceria e até fizemos o enfadonho e tradicional chá de bebê. Enfim, todas as alegorias e os clichês de pais de primeira viagem.

Mas, então, de uma hora para outra, deu tudo errado. No sétimo e já se aproximando do oitavo mês de gestação, Marta teve um mal súbito e precisou ser levada emergencialmente ao hospital. Uma vizinha se encarregou disso, já que eu estava do outro lado da cidade, em pleno fechamento do jornal, e não conseguiria chegar a tempo. Quando coloquei os pés no hospital, fiquei sabendo da notícia. O bebê, de alguma forma, nascera prematuro e morto. Não havia uma causa, uma resposta imediata. Também não havia nenhum indício de nada fora do normal nos exames que havíamos feito preliminarmente. A gravidez de Marta nunca fora considerada de risco pelos médicos. Ela inclusive continuava a trabalhar e a frequentar as aulas na universidade, mesmo grávida. Dirigia grávida. Fazia compras grávida. Se exercitava grávida. Transava grávida.

A dor de perder um filho prestes a nascer acabou por nos afastar. Aqueles quase oito meses de uma felicidade nova para mim se transformaram num tempo dobrado de tristeza e melancolia, velhas companheiras que eu havia deixado de lado. A primeira coisa que fiz, sem nem ao menos consultar Marta, foi trancar o quarto preparado para receber o bebê. Repleto de bíbels, quadros, bichos de pelúcia, cortina colorida, móbile, luminária giratória, papel de parede, além da confortável poltrona de veludo que compramos para a futura mãe amamentar.

Marta, então, se tornou sombria. O luto fez com que ela perdesse tudo. Não tinha mais aquela luminosidade natural. Andava com roupas feias e desalinhadas, pouco ou nada asseada, e passou a prender o cabelo cacheado num coque no alto da cabeça, quase sempre sujo. Em algumas oportunidades, na cama antes de dormir, fui obrigado a me acostumar com seu mau cheiro. Também cultivava olheiras profundas, tinha os olhos opacos e a magreza imperou em seu corpo sempre em forma. Uma vez, a mesma vizinha que a socorrera me contou que a havia visto passeando na rua com o carrinho de bebê que eu acreditava estar na caixa lacrada na bagunça da nossa área de serviço. Não raras vezes, flagrei-a falando sozinha no apartamento.

Eu sentia um estranho vazio que surgia volta e meia e parecia cada vez mais intenso, como um buraco profundo que às vezes me impedia de respirar. Nesses momentos, meu único raciocínio era de que precisava manter o foco no trabalho, já que Marta, além de ter abandonado o emprego, também havia trancado a matrícula de seu curso. Para mim, porém, não existia uma licença-luto para um filho que não nascera. Tudo o que recebi foram abraços de condolências, tapinhas nas costas, palavras sóbrias de conforto e olhares piedosos dos meus colegas de jornal. Entretanto, no dia seguinte, as notícias continuavam a acontecer na velocidade habitual, outras pessoas morriam das mais diferentes maneiras e o cotidiano seguia sua normalidade, como se um fato atropelasse o outro e a vida fosse assim mesmo.

Quando chegava em casa — cada vez mais tarde para não ter de encontrá-la e, muitas vezes, bêbado —, Marta me olhava de um jeito esquisito como se eu tivesse culpa de alguma coisa. Como se retomar minha rotina fosse um pecado ou uma contradição à dor. Como se dormir um sono pesado depois de um dia cansativo de trabalho fosse errado. Como se sair para beber fosse sinal de felicidade. Marta devia achar, por algum motivo que

nunca saberei, que eu estava aliviado com a morte do bebê. Por isso sempre me tratava com aquela indiferença mortal. Eu tentava conversar com ela, oferecia ajuda, sugeria que procurasse um profissional e dizia que iríamos juntos, mas Marta me retribuía com um silêncio duro e ríspido. Também pedia que amigos a visitassem, o que ela odiava. Tratava-os mal e quase os expulsava de casa, isso quando abria a porta. Eu não sabia mais o que fazer. Então, em um momento qualquer, deixei-a em paz.

Comecei, então, a sair com uma repórter do jornal e, ainda que em alguns momentos aquilo fizesse com que eu me sentisse vivo, não demorou muito para terminarmos. Tive mais um ou dois casos esporádicos naquele período. Demorou meses, não sei o que houve, mas com o tempo Marta voltou a fazer sua higiene pessoal e a se vestir adequadamente. Aos poucos, voltamos a conversar, mas aquele tipo automático de conversa entre jornalistas. Basicamente comentávamos os noticiários, quase sempre sem nenhuma vontade. No início, parecíamos dois estranhos em um elevador falando sobre o tempo. Então, em algum momento, voltamos a sorrir um para o outro. Voltamos a jantar fora. A conversar sobre outros assuntos. A viajar. A transar, depois de um ano e meio. Foi um tempo bom em que não pensávamos mais num futuro como pais. Nosso foco se limitava às nossas carreiras. Eu estava cotado para assumir o cargo de chefia de reportagem do jornal e Marta, que voltara a estudar, finalizava seu curso ao mesmo tempo que arrumara um novo emprego. Foram dois anos nos quais restabelecemos o respeito e a compreensão e, talvez, o amor.

Aí aconteceu de novo. Parecia um maldito *déjà-vu*. Novamente flagrei Marta dentro do mesmo banheiro. Daquela vez também ela não quis abrir a porta e, sendo assim, eu já desconfiava do motivo. Me afastei calmamente e fui até a sala. Assim que tomei distância de Marta, me amaldiçoei por ter prorrogado

tanto a decisão de fazer a vasectomia. A culpa era minha. Resmunguei, soquei minha própria cabeça e depois a parede. Ainda era de manhã, mas mesmo assim me servi de um uísque. Naquele momento, por tudo o que havíamos passado, tudo o que eu não queria era ser pai. Como podíamos ter sido tão descuidados?

Novamente, o que eu poderia dizer? Que não queria que ela sofresse outra decepção, que não gostaria de ter outra experiência traumática, que um filho atrapalharia minha dinâmica na chefia de reportagem do maior jornal do país e também a ela em seu novo trabalho, que pretendia continuar jantando fora em bons restaurantes, indo a festas, fumando baseados e ficando bêbado de vez em quando, que não estava disposto a transformar domingos preguiçosos em dias dinâmicos e noites de sono em madrugadas insones, que gostaria de manter a frequência de viagens com ela para lugares que ainda não conhecíamos e, assim, continuar a ter uma vida sexual ativa e intensa, que simplesmente não queria ter de dividir minha mulher com um bebê?

Marta surgiu momentos depois. Não parecia estar chorando como da outra vez. Pelo contrário. Estava com o semblante da Marta de quando eu a conheci. Determinada. Forte. Pouco ou nada aberta a concessões.

“Eu vou ter esse filho”, ela me disse, enfim, com o rosto impassível e com certa raiva na voz.

Com isso, eu não pude dizer nada. Apenas me calei. Compreendi naquele momento que, por mais que eu estivesse disposto a desistir da paternidade aos quarenta e cinco anos de idade, essa decisão cabia exclusivamente a ela.

E quase três décadas depois, numa sala gelada do IML, ao recordar aquele momento decisivo de nossas vidas e ao mesmo tempo vê-la exposta e machucada daquela maneira, um pensamento terrível e mesquinho me tomou de assalto: se Marta soubesse ali, no exato instante em que saiu do banheiro, no segundo

em que decidiu dizer “eu vou ter esse filho”, que esse filho, o nosso filho, seria o Pedro e que ele nos causaria vinte e oito anos depois uma dor insuportável e incurável, mais que isso, uma dor eterna, ela ainda assim teria seguido em frente?